

Um trem para o desenvolvimento

Geraldo Medeiros Júnior

“E o trem danou-se
Naquelas brenhas
Soltando brasa
Queimando lenha
Queimando lenha
E soltando brasa
Tanto queima quanto atrasa...”
(João do Vale e Helena Gonzaga)

Um trem que surge do coração do Brasil, como na música de João do Vale, “soltando brasa, queimando lenha”, desbravando litoral, cariri e sertão. Trem que, ao desbravar matas, mentes e lugares, conquista racionalmente adeptos, quebra preconceitos, propõe, instiga, permite um olhar crítico para o presente.

A partir dos estudos do professor Reginaldo Souza Santos a Administração nunca mais foi a mesma. Ganhou outra abordagem teórica chamada Administração Política e, desde então, foi possível ver a realidade trabalhada a partir de uma



abordagem crítica, ou do reconhecimento da dimensão política no estudo da realidade.

A gestão passou a ser o epicentro da nova-velha Administração Política. Subjacente a este fato, pode-se pensar que em uma Administração Política é possível enxergar o Brasil e refletir sobre um projeto de país.

Brasil que, como canta Milton Nascimento e Fernando Brant, na música “Notícias do Brasil”, o país “não é só litoral”. Um país de dimensões continentais e que possui cinco regiões: é Nordeste, Norte, Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Uma nação que vai muito além das capitais.

Com essa compreensão, a intrépida trupe de Reginaldo Souza Santos compreendeu que não deveria começar as discussões no Sudeste, com o inerente risco de ter um debate sufocado pela lógica cartesiana e conservadora da Administração tradicional. A trupe acreditou que deveria ir à periferia, pois um projeto de desenvolvimento não faz sentido se for para aumentar a concentração de renda. Mais que isto, não poderia começar nem mesmo nas capitais nordestinas ou nortistas, uma vez que, os recursos já ali se concentram.

Assim, o trem que solta brasa e engole lenha foi para o interior. A figura do trem poluidor, barulhento, desconfortável é, neste aspecto, de um grande simbolismo. Talvez seja este trem o retrato de um Brasil desigual, onde ainda crianças e jovens vão para a escola em transporte escolar inadequado, em que professores são remunerados inadequadamente. País de alto índice de analfabetismo, de grande quantidade de pessoas fora da escola e do mercado de trabalho, de falta de água, da dengue, da falta de rede de esgoto. O trem da brasa e da lenha é o trem do Brasil que desprezou um projeto de desenvolvimento em nome de submissão ao movimento do capital financeiro-parasitário-rentista.

Um trem que surge atrás do vale com muito barulho, muita poluição, mas também muito forró, dança, alegria, capacidade de inventar, de resistir, de ser diferente, de ter orgulho das próprias raízes, na música, poesia, literatura, ciências, artes. Um trem que se orgulha da sua brasilidade, nordestinidade, sem nenhum exagero telúrico, mas com a certeza de que a partir do entendimento da própria realidade, com limitações, gargalos e desafios é que um novo projeto de desenvolvimento para o Brasil poderá ser feito.

Trem que não pode ser condenado para sempre a ser brasa e lenha. Porque precisa da tecnologia, da ciência, da cultura, dos gritos agonizados de um povo.



Trem que anseia por ser o do futuro, com respeito ao passado e de acordo com a possibilidade presente. Trem que pode ser o mais rápido do mundo. O melhor do mundo, sem desprezo ou critério comparativo com qualquer outro. Afinal, num lugar em que se tem gente, em idade para trabalhar, com capacitação técnica e crítica, além de recursos naturais e capital, não pode ser condenado eternamente ao subdesenvolvimento e atraso.

Olhando para o trem atual e com o compromisso com um novo trem, pesquisadores críticos promoveram o encontro. "A vida é a arte do encontro", dizia Vinícius. O encontro primeiro acontece no interior, do Brasil, do Nordeste, de Pernambuco. Em Garanhuns. O Brasil visto de dentro, por dentro, necessitando de um diagnóstico, de um conceito, de uma metodologia, de ação. De um plano. De um projeto de desenvolvimento.

O encontro de Garanhuns, quando cientistas críticos se reuniram no ano de 2010 já mostrava o que seria o movimento da Administração Política. Não era um encontro de marxistas, keynesianos, tayloristas, baianos, caetanos ou de iguais. Eram diferentes, capazes de pactuarem um projeto comum. Diferentes, comuns no diagnóstico de que um dos principais problemas do país passa por gestão e

pela necessidade de entender a administração por uma perspectiva crítica. Pela certeza de que é necessário discutir e fazer administração política.

Em Garanhuns já estava claro que o que se propunha não era um grupo de iguais. Não era profissão de fé. Era ciência. Era o dimensionamento da administração enquanto ciência social e não arte. Por isso, cientistas de várias universidades do país lá estiveram presentes. Dispostos a estudar e atuar sobre a realidade. O próprio título nunca foi um consenso. Administração política? Administração brasileira? Administração crítica?

Como seria o diálogo com a Economia Política? E com a Administração Científica? Com a Economia Brasileira? Quais os primeiros estudos? Quais os autores? Qual o método? Qual a base praxiológica? Muita coisa ainda a construir. Muita coisa já feita, mas não sistematizada. Muito trabalho a fazer.

O encontro volta a acontecer em 2011, na cidade de Juazeiro do Norte, terra do Padre Cícero. Na serra do Araripe, cariri cearense, um número maior de cientistas viu que, em um ano, importantes avanços aconteceram. Era preciso ter mais gente na discussão. Claramente a Administração Política era descoberta como um campo do conhecimento tão rico que não poderia ficar nas mãos de

poucas pessoas. Sequer deveria ficar apenas restrito aos administradores, mas precisaria também de economistas, políticos, sociólogos, juristas...

O redimensionamento do evento acontece a partir de 2012, com o encontro em Campina Grande, com o tema "Análise da crise do capitalismo contemporâneo sob a perspectiva da Administração Política". Na terra do São João do Mundo, em junho daquele ano, o trem do desenvolvimento virou trem do forró. O evento reuniu cerca de trezentas pessoas. Não era mais restrito a professores e alguns poucos estudantes. Naquele momento os estudantes se debruçavam sobre a novidade, queriam participar, tirar dúvidas. A administração política incomodava, aperreava muita gente. Causava reações próprias de quem aperreia: apoios e resistências importantes. Era Santos ao som de Elba Ramalho, Paulo Emílio Martins no mesmo solo em que Jackson do Pandeiro por tantas vezes cantou...

Depois do evento de Campina Grande o encontro ganha nova dimensão. O trem segue pelo Nordeste, chegando a Vitória da Conquista, em 2013, com o tema "Da distribuição ao crescimento da riqueza". Lá, se tem um novo evento com grande participação acadêmica e, pela primeira vez, com chamada para trabalhos. Em muito se avança nas discussões relativas a administração política. No frio da



cidade, discussões que conviviam com Elomar, Xangai e tantos outros sons e inspirações.

O trem segue seu rumo. Em 2014 o local é Arapiraca, terra de Hermeto Paschoal, conhecida como importante produtora de fumo. O tema do evento foi "Administração Política: uma nova administração para o desenvolvimento é possível?". Evento consolidado. Trem que conquista novos adeptos. Uma nova geração de estudiosos se incorpora às discussões relativas à administração política. Como tudo que é cientificamente aceitável, a administração política não se torna uma Igreja de discípulos do prof. Reginaldo. Antes, se trata de aprofundar discussões, não necessariamente fazendo profissão de fé com os estudos iniciais, mas, antes, de forma plural, se aprofundar questões, negar outras, avançar. Em Arapiraca estava visível que a administração política é muito rica para ficar apenas numa corrente de pensamento, em apenas um grupo de pesquisadores.

O trem percorrerá o Nordeste. Não era um trem nordestino. Precisava subir novas serras e montanhas. Em 2015 se vê que o trem sai da região e chega ao Sudeste. Afinal, já foram percorridos importantes trechos em Pernambuco, Ceará, Paraíba, Bahia, Alagoas. Era preciso ir a outras regiões para o encontro não ser

caracterizado como apenas nordestino. Era necessário se ter um movimento genuinamente nacional. Ao mesmo tempo, era importante que não estivesse em uma capital. Fora da capital. Mas não necessariamente longe demais das capitais. Mesmo que a distância fosse apenas de uma ponte. O local, Niterói, numa iniciativa de importantes estudiosos do pensamento social brasileiro. O tema do evento foi "A Administração e a instabilidade internacional e nacional".

Do estado do Rio para Minas. Se Drummond e Belchior perguntam em versos e sons se ainda há Minas, o encontro de administração política mostrou que sim. Juiz de Fora, terra adotada por Milton Nascimento, foi o palco do encontro de 2016, com o tema "Outro modo de interpretar o Brasil". Um encontro, apesar de jovem, maduro, com temáticas e trabalhos das mais diversas preocupações. Trabalhos em administração política na prática, sem precisar estampar que se tratava com a temática. Um encontro plural, com uma dimensão maior, consolidado.

O país já passou por importantes projetos de administração política. Ou tentativas. Foi assim com Getúlio, JK, Lula, Dilma. Passou por desconstruções que levaram a um outro projeto de administração política submisso aos interesses do capital financeiro. Foi assim nas diversas fases das rodadas neoliberalizantes, em Collor,

FHC, Temer. Em todos os momentos, os estudos de administração política estão sintonizados com esta realidade.

Quanto mais complexa se torna a realidade, maior a necessidade de estudos em Administração Política. Do trem de Minas, de Milton e Drummond. O trem de Villa Lobos, nos versos de Gullar. Do trem do forró. De João do Vale. Um trem do Brasil, do passado, do presente, com compromisso com o futuro.

Pare, olhe e escute.

É o trem.

Depois dele, não pare, se indigne, faça, mude.

Na introdução da carta de Garanhuns, o prof. Reginaldo Souza Santos chamava “vamos, todos, começar, agora?!”.

Passado o tempo, se vê que muito já foi feito. O trem andou, cruzou fronteiras. Mas há ainda muito o que se fazer.

Campina Grande, março de 2017.



Um trem para o desenvolvimento

Resumo

O texto refaz o trajeto percorrido pelo Encontro de Administração Política desde a sua primeira edição. Com a proposta de mesclar trechos poéticos, presentes na música popular brasileira, com alguns conceitos e preocupações presentes nos encontros, o texto é um depoimento que discute a importância de se estudar administração política. A figura recorrente do trem, em todas as edições do evento, tem forte simbolismo. É o trem que representa a administração política. É o trem do desenvolvimento, trazendo progresso na medida em que corta a geografia. É o trem que valoriza o interior. O resgate das edições do evento traz consigo algumas questões importantes. Registra-se o crescimento de um evento inicialmente restrito aos seus pesquisadores-fundadores, em Garanhuns, até a última edição, em Juiz de Fora, com um público consolidado, apresentações de trabalhos e debates, com vindas das mais diversas escolas teóricas. É possível também identificar a evolução das questões principais num primeiro momento e os desafios existentes no atual momento. O trem em movimento é visto como um trem dialético, repleto de contradições, superações e, também, retrocessos. A administração política enquanto teoria. Administração política enquanto necessidade para a construção de um projeto de nação para o Brasil. Longe de responder as questões, o texto as relança, para a reflexão, debate e possíveis ações futuras.

Palavras-chave

Administração política. Desenvolvimento. Projeto de nação.

A train for the development

Abstract

The text remakes the course of the Political Administration Meeting since its first edition. With the proposal to merge poetic passages, present in popular Brazilian music, with some concepts and concerns present in the meetings, the text is a testimony that discusses the importance of studying political administration. The recurring figure of the train, in all editions of the event, has strong symbolism. It is the train that represents the political administration. It is the train of development, bringing progress as it cuts off geography. It is the train that values the interior. The redemption of the event editions brings with it some important issues. The growth of an event initially restricted to its founder-researchers, in Garanhuns, until the last edition, in Juiz de Fora, with a consolidated audience, presentations of works and debates, with the arrival of several theoretical schools. It is also possible to identify the evolution of the main issues at an early stage and the challenges at the present time. The train in movement is seen as a dialectic train, full of contradictions, overruns and also setbacks. Political administration as theory. Political administration as a necessity for the construction of a nation project for Brazil. Far from answering the questions, the text relaunches them, for reflection, debate and possible future actions.

Keywords

Political administration. Development. Nation project.



Un tren para el desarrollo

Resumen

El texto rehace el trayecto recorrido por el Encuentro de Administración Política desde su primera edición. Con la propuesta de mezclar fragmentos poéticos, presentes en la música popular brasileña, con algunos conceptos y preocupaciones presentes en los encuentros, el texto es un testimonio que discute la importancia de estudiar administración política. La figura recurrente del tren, en todas las ediciones del evento, tiene fuerte simbolismo. Es el tren que representa la administración política. Es el tren del desarrollo, trayendo progreso en la medida en que corta la geografía. Es el tren que valora el interior. El rescate de las ediciones del evento trae consigo algunas cuestiones importantes. Se registra el crecimiento de un evento inicialmente restringido a sus investigadores-fundadores, en Garanhuns, hasta la última edición, en Juiz de Fora, con un público consolidado, presentaciones de trabajos y debates, con venidas de las más diversas escuelas teóricas. Es posible también identificar la evolución de las cuestiones principales en un primer momento y los desafíos existentes en el momento actual. El tren en movimiento es visto como un tren dialéctico, repleto de contradicciones, superaciones y, también, retrocesos. La administración política como teoría. Administración política en cuanto necesidad para la construcción de un proyecto de nación para Brasil. Lejos de responder a las preguntas, el texto las relanza, para la reflexión, debate y posibles acciones futuras.

Palabras clave

Administración política. Desarrollo. Proyecto de nación.

Autoria

Geraldo Medeiros Júnior

Doutor em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor da Universidade Estadual da Paraíba.

<http://lattes.cnpq.br/3697807260082538>. <https://orcid.org/0000-0002-3900-5445>. E-mail: geraldomedeirosjr@uol.com.br.

Endereço para correspondência

Geraldo Medeiros Júnior. Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Administração e Economia. Av Getulio Vargas s/n, Centro, Campina Grande, PB, Brasil. CEP: 58100-000. Telefone: (+55 83) 33413300.

Como citar esta contribuição

Medeiros Junior, G. (2017). Um trem para o desenvolvimento. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 4(10), 987-999.

Contribuição Submetida em 28 mar. 2017. Aprovada em 29 mar. 2017. Publicada online em 20 out. 2017. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.



REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 4 | N. 10 | AGOSTO | 2017 | ISSN: 2358-6311